

SANTOS, Bruno Fernandes. *Do λόγος à φαντασία: acerca da presença de Heráclito no estoicismo antigo.*



DO ΛΟΓΟΣ À ΦΑΝΤΑΣΙΑ:
acerca da presença de Heráclito no estoicismo antigo

Bruno Fernandes dos Santos¹
Universidade Federal Fluminense - UFF

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar como e em que medida o estoicismo antigo está relacionado às ideias de Heráclito, compreendendo que muitos dos conceitos que surgem nele possuem uma nítida inspiração heraclítica. Ver-se-á, por exemplo, que a ideia de homologar com o *lógos* universal – este que se apresenta em tudo que nos circunda, mas que costuma ser silenciado pelo nosso *lógos* particular-narcisista – irá reaparecer através da concepção estoica de que a vida feliz consiste em adequar-se à natureza e viver em consonância com ela. Além disso, o conceito de *phantasia* também encontrará ecos heraclíticos, uma vez que saber reconhecer e ajuizar as *fantasias* corretamente nada mais é do que deixar o *lógos* das próprias coisas falarem, pois é nelas (e somente a partir delas) que reconhecemos a verdade. Nesse sentido, em um primeiro momento farei uma explanação a respeito de Heráclito e de sua filosofia, para, em um segundo momento, apresentar algumas das doutrinas filosóficas do estoicismo. Por conseguinte, relacionarei ambas as filosofias, na expectativa de constatar uma possível *homología* entre elas capaz de nos fazer ouvir-perceber suas semelhanças.

Palavras-chave: Heráclito; estoicismo; *lógos*; *homología*; *phantasia*.

From λόγος to φαντασία: about the presence of Heraclitus in ancient Stoicism

ABSTRACT: The aim of this article is to analyze how and in what extent Heraclitus' ideas relates to ancient Stoicism, understanding that many concepts that arise in the stoics has clear Heraclitic inspiration. It will be seen, for example, that the idea of homologizing with the universal *logos* – this one that appears in everything that surround us, but which is usually silenced by our particular-narcissistic *logos* – will reappear through the Stoic conception that the happy life consists in conforming to nature and living in harmony with it. In addition, the concept of *fantasy* will also find Heraclitic echoes, since knowing how to recognize and judge fantasies correctly is nothing more than letting the *logos* of things themselves speak, since it is in them (and only from them) that we find the truth. In this sense, in a first moment I will make an explanation about Heraclitus and his philosophy, to, in a second moment, present some of the philosophical doctrines of stoicism. Therefore, I will relate both philosophies, hoping to generate a *homology* between them capable of making us hear-perceive the similarities that emanate from them.

Keywords: Heraclitus; stoicism; *lógos*; *homology*; *fantasy*.

¹ Doutorando pela Universidade Federal Fluminense (UFF), membro do Núcleo de Filosofia Antiga - Laboratório Aporia. Realiza, atualmente, parte de sua pesquisa de doutorado na Faculty of Classics da University of Cambridge, RJ. enxame22@gmail.com.

Introdução

O pensamento de Heráclito, desde a Antiguidade, é visto como extremamente complexo e de difícil entendimento, o que lhe rendeu o epíteto de “o obscuro”. Entretanto, é bom lembrar “que a obscuridade de Heráclito se encontra bem mais no leitor do que no lido” (Costa, 2012, p. 9). No momento da leitura dos fragmentos do Efésio, há algo que acontece entre a materialidade de seu texto e a subjetividade do leitor que tanto lhe permite como o obriga a construir uma constelação interpretativa que define/determina qual o sentido da obra.

Esta reflexão acerca da dificuldade de interpretação dos fragmentos nos leva, de imediato, a um dos conceitos que matizam sua obra: aproximação². Tentar entender Heráclito é aproximar-se dele, o que significa errar nos contornos de seus fragmentos. Errar, etimologicamente, pode significar tanto “mover” e “vagar”, como “perder-se”, o que acontece mutuamente ao caminharmos pelo seu *corpus* fragmentário. Porém, o imperativo que sua obra parece querer nos mostrar, de forma bastante alusiva, é: tente, pois, mais importante do que conseguir, é tentar... e errar.

Neste ensejo, é possível tentar se aproximar não apenas de Heráclito, mas também dos estoicos antigos. Ao que parece, foi apenas alguns anos depois do Efésio ter depositado seu livro no templo de Ártemis, que Parmênides escreveu um Poema em hexâmetros dactílicos que dialoga, em determinados aspectos, com certos conceitos dispostos na prosa heraclítica³. Essa conversa entre obras diz muito de como os autores antigos dialogam entre si, ora recuperando conceitos de seus predecessores, refundando-os, ora citando-os para refutá-los. Um exemplo do primeiro movimento, o da recuperação de conceitos, vem a ser o caso da influência do pensamento heraclítico na fundação do estoicismo, questão que nos interessa particularmente neste artigo.

Ainda nessa seara, é muito fértil observar em autores contemporâneos, como Cleantes de Assos, discípulo de Zenão, como ele retorna a algumas concepções heraclíticas no seu *Hino a Zeus*, a exemplo da ideia de que tudo no *kósmos* é composto e decomposto segundo uma lógica de contrários.

Além disso, há também uma apropriação da imagem do rio, ou melhor, da impossibilidade de alguém adentrá-lo mais de uma vez, para pensar e desenvolver sua acepção de *phantasia*.

² Cf. Heráclito Fr. 122.

³ Cf. B9, 1-4; B12, 1-6; e B18, 1-6.

Entretanto, mesmo diante de algumas evidências que fortalecem a interlocução de ambos os pensamentos, a relação entre Heráclito e algumas das doutrinas estoicas foi colocada sob suspeita, sendo questionada por alguns intérpretes na primeira e na segunda metade do século XX:

Already in 1911 R. D. Hicks had drawn attention to exponents of the two extreme positions – minimal influence, on the one hand, and on the other hand, Stoicism as diluted and distorted Heracliteanism – and adopted a middle course himself. Until recently, perhaps, it might be said that Hicks’ standpoint, which allowed Stoicism to differ substantially from Heraclitus, while granting important conceptual affinities between both philosophies, was accepted by the most reliable interpreters of the Stoics⁴ (Long, 1975, p. 36).

Note-se que há, ainda hoje, uma tendência entre alguns *scholars* de afirmar que a influência de Heráclito no estoicismo é insignificante, na medida em que ele seria não uma sombra de uma filosofia precedente, “but an important new development in Greek philosophy” (Long, 1975, p. 36). Todavia, isso não é motivo para deixarmos o Efésio de lado, uma vez que os meandros fragmentários de sua prosa revelam e ensejam uma *homología*⁵ entre o seu pensamento e o conceito de *phantasia* dos estoicos⁶.

Heráclito, pensador com uma determinada predileção pela audição, ainda que considere a visão como um importante órgão de conhecimento, sugeriu haver dois *lógoi* no *kósmos*: um particular, humano, e outro universal, comum a tudo que nos circunda, estando permanentemente presente na *phýsis*. Nós, humanos dotados de linguagem, falamos um *lógos* particular e *idiotizado*, por ser demasiado nosso. Por essa razão, os nossos discursos fracassam quando tentam comunicar (tornar comum) o que para nós se apresenta na *phýsis*, pois costumamos silenciar as coisas que nela estão postas, ao invés de deixar que elas falem. Haveria, nesse sentido, a necessidade de realizarmos uma operação fundamental e

⁴ “Já em 1911, R. D. Hicks havia chamado atenção para os expoentes das duas posições extremas – mínima influência, de um lado, e de outro, Estoicismo como um heracliteanismo diluído e distorcido – e adotou ele próprio um caminho intermediário. Até recentemente, talvez, pudesse ser dito que o ponto de vista de Hicks, que permitiu que o Estoicismo se distinguisse substancialmente de Heráclito, enquanto concedeu importantes afinidades conceituais entre ambas as filosofias, foi aceito pelos intérpretes mais confiáveis dos Estoicos”. Tradução minha.

⁵ Conceito que desempenha no pensamento heraclítico a função de explicar a importância de os seres humanos calarem o próprio ego para assim ouvirem o *lógos* universal existente na natureza, criando com ela uma harmonia que consiste no ato de ouvi-la sem silenciá-la.

⁶ Long afirma que, se por um lado não existem muitos vestígios bibliográficos que nos permitam ligar Zenão a Heráclito com muita clareza, por outro, as relações entre ele e Cleantes são bastante nítidas, sendo o seu *Hino a Zeus* um bom lugar para refletirmos a respeito dessas conexões, que para alguns intérpretes parecem ser inexistentes (Long, 1975, p 35). Contudo, neste artigo não irei me concentrar sobre esta obra, uma vez que optei por fazer uma leitura menos extensa (mas não por isso menos rigorosa) das intersecções entre Heráclito e o estoicismo.

indispensável para que pudéssemos ouvir o que emana da natureza: homologar com o *lógos* universal, e, mais do que tentar traduzi-lo, impondo a nossa idiotia a ele, deixá-lo falar.

Os estoicos, tal como apresenta Diógenes Laércio⁷, desenvolvem um conceito que em suas idiossincrasias remete bastante ao homologar heraclítico, que é o de *phantasia*. Segundo eles, todo o conhecimento que possuímos é *fantástico*, e a própria fantasia seria o critério de verdade das coisas, visto que ela nada mais é do que uma impressão (ou representação) que formamos em nossas almas a respeito das coisas; essas coisas, com efeito, imprimem em nós a sua imagem, e a partir disso formamos um pensamento que vem acompanhado pela linguagem através da qual enunciamos o significado daquilo que fantasiámos. Em certo sentido, fantasiar é a atividade mais genuinamente humana, e que para ser bem realizada (para que alcancemos o bem-pensar⁸), deve estar conectada à natureza das coisas, pois sem isso, sem essa *homología*, formulamos fantasias em nossos pensamentos que não encontram nenhum respaldo material na realidade, o que nos põe diante de um problema: como homologar, tornando-nos um com a natureza ao ouvi-la e “portanto” obedecê-la?

Nesse sentido, este trabalho propõe responder algumas questões que me parecem ser vitais não só para conviver com o pensamento heraclítico, mas sobretudo para alongar a reflexão que, em germe, já existia nele. Em primeiro lugar, o que Heráclito quer nos dizer com o fragmento 122? É possível para nós, enquanto seres humanos condenados ontologicamente à falha, nos aproximarmos do seu modo de pensar? Em segundo lugar, somos livres para escaparmos daquilo que nunca se põe⁹? E por último, em que medida essas reflexões nos dão ensejo para analisar as relações entre Heráclito e o conceito de *phantasia kataleptiké*, dos estoicos?

Para isto, levarei em conta a constelação necessária para acessar tais perguntas, o que me obrigará a traçar um paralelo entre outro tema central de sua obra, a saber, o *lógos*. Assim, tornar-se-á importante, mesmo que de forma resumida, introduzir o leitor no que Heráclito entende por *lógos*, e qual o significado de haver, em sua obra, uma relação entre *lógos* universal e particular. Por conseguinte, após fazer esse recuo ao Efésio, compreender-se-á melhor a relação entre ele e o estoicismo.

⁷ Livro VII, 40-62.

⁸ Fr. 9.

⁹ Faço alusão ao fr. 16: “como alguém escaparia diante do que nunca se põe?”.

O *lógos* em Heráclito

O principal conceito da obra do Efésio é o *lógos*. O que vem a ser ele? Faz-se necessário entendê-lo, pois sem saber o que ele significa no corpo dos fragmentos, não seremos capazes de tocar, nem que seja por uns instantes, seu pensamento. No fragmento 1, uma das marcas mais antigas da prosa grega¹⁰, Heráclito nos diz:

Desse *lógos* sendo sempre, são os homens ignorantes tanto antes de ouvir como depois de o ouvirem; todas as coisas vêm a ser segundo esse *lógos*, e ainda assim parecem inexperientes, embora se experimentem nestas palavras e ações, tais quais eu exponho distinguindo cada coisa segundo a natureza e enunciando como se comporta. Aos outros homens, encobre-se tanto o que fazem acordados como esquecem o que fazem dormindo (Fr. 1¹¹).

Ele abre seu livro¹² trazendo três questões centrais, que aparecerão depois: (i) os homens são sempre ignorantes desse *lógos* que é sempre; (ii) todas as coisas são geradas a partir desse *lógos*; e (iii) mesmo aqueles homens que experimentam as palavras de Heráclito, continuam sendo inexperientes após ouvi-las. Além disso, os outros homens são aqueles que são representados pelo fragmento 34¹³ como os que mesmo ouvindo, permanecem como se não ouvissem nada. Essa surdez desses homens conjuga-se com a inexperiência e a ignorância deles, que, tal como nós, diante desse *lógos* intrínseco a tudo, parecemos não ouvir nada do que ele nos diz.

Esse *lógos* imanente a todos os entes pode ser chamado de *lógos* comum, ou universal. Ele possui, grosso modo, autonomia em relação ao nosso *lógos*, que é aquele caracterizado pela particularização e a *idiotia*, em sentido grego. Esse *lógos* comum nos aparece como linguagem, revelando o comportamento de cada ente. Por ele existir como linguagem, ele independe da linguagem humana para ser, pois ele já é desde sempre. Nesse sentido, ele é autônomo e indiferente em relação ao *lógos* particular do humano. Essa *idiotia* referida por Heráclito, por outro lado, revela-se nos discursos que proferimos acerca de qualquer coisa, seja da natureza

¹⁰ “Fragment I is the longest quotation from Heraclitus, and probably the longest piece of surviving Greek prose before the Histories of Herodotus, which it antedates by fifty years” (Kahn, 1979, p.96).

¹¹ Todas as traduções de Heráclito referidas e utilizadas neste artigo são da autoria do filósofo Alexandre Costa, professor associado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal Fluminense.

¹² Embora a obra heraclítica, assim como a dos demais pré-socráticos, tenha nos chegado em um teor fragmentário, os editores costumam seguir a disposição textual dada por Sexto Empírico no que se refere a este primeiro fragmento: “Heraclitus, too, evidently opened his treatise with an explicit avowal of the method he intended to pursue: for according to the testimony of Sextus Empiricus, Frs. I and 2 originally stood, the one at the beginning of the work, the other a short distance further on” (Wheelwright, 1959, p. 20).

¹³ “Ignorantes: ouvindo, parecem surdos; o dito lhes atesta: presentes, estão ausentes”.

(*phýsis*) de maneira mais geral¹⁴ ou, por exemplo, quando lemos um livro. Na obra do Efésio, a natureza (*phýsis*) revela os fenômenos no *kósmos*, que surgem concomitantemente como linguagem. A tarefa do humano seria traduzir aquilo que o *lógos* comum faz a natureza revelar. Assim, os dois *lógoi* convergiriam na medida em que o *lógos* particular parasse de particularizar e passasse a ter ouvidos abertos e atentos ao universal.

O humano, contudo, comportando-se como um dormente, não se abre para esta *homología*. O que ele faz ordinariamente é violentar a linguagem da natureza que ele se recusa a ouvir. Se a relação é *lógos* sobre *lógos*, a exacerbada particularização narcísica do humano agride qualquer outra linguagem. Nesse sentido, há uma violência estrutural entre os *lógoi*, sobretudo do particular para com o universal, na medida em que o primeiro silencia o segundo, quando deveria ouvi-lo.

Ora, esse pensamento, que surge logo quando abrimos a obra do Efésio, mostra a necessidade de nos calarmos em nome de uma *homología* entre o *lógos* particular e o universal. Não é só um apelo pelo silêncio dos entes que possuem um *lógos* particular, mas é também um apelo para pararmos de silenciar os outros. Se isso não cessar, a rigor, não há nenhuma chance de *aproximação* entre os discursos. Pois, com efeito, sem que haja um auto-silenciamento, não há escuta possível acerca da natureza:

O *lógos* particular pode harmonizar-se com o *lógos* comum. O primeiro *lógos* marca a possibilidade humana de pensar o segundo, pois engendra muitos discursos acerca deste *lógos* comum. Os discursos humanos, portanto, são passíveis de estar em concordância ou em discordância com o *lógos* comum. Esta discordância seria a marca de uma não compreensão da parte do humano acerca do *lógos* comum. Sendo assim, o *lógos* comum é intraduzível, mas é passível de ser escutado, pois carrega consigo discursos acerca do comportamento de cada ente conforme a sua *phýsis* (Souza, 2019, p. 123).

O que está em jogo, de fato, é a possibilidade de o humano ouvir a *phýsis* sem violentá-la com seus discursos. Além disso, o humano, quando se recusa a ouvi-la, trai sua própria condição trágica, tal como se pudesse ocultar-se diante do que nunca se põe. Isso que não se põe é a tese heraclítica do mundo como linguagem, do mundo como a guerra e composição dos contrários, e do humano como aquele que está condenado a ouvir esses sons que a *phýsis* lhe revela. Ademais, esse arco (*bíos*) tensionado que é o humano, uma vez eximindo-se de sua

¹⁴ Fr. 3: “Sol: da largura do pé do homem”. Este fragmento ilustra bem nossa idiotia, ao, de forma imagética, mostrar a nós que o que dizemos acerca da *phýsis*, que neste caso é a do sol, não passa de uma profunda projeção narcísica nossa. Nesse sentido, para que possamos ouvir o que a linguagem do *lógos* comum tem a nos dizer, é necessário calar a nós mesmos e ao nosso *lógos* particular.

condição ontológica, vive uma vida dormente, esquecida, e de ausência. Por conseguinte, vive como um “morto-vivo”.

Levando essas considerações acerca da relação entre *lógos* comum e particular, sem ignorar, contudo, outros temas importantíssimos para o entendimento do pensamento heraclítico, presumo ser possível levantar algumas respostas para as perguntas que iniciaram este texto. Em primeiro lugar, o pensamento supostamente confuso de Heráclito, mas bastante contundente, parece querer nos alertar acerca desta nossa ambivalente condição que, a partir daí, situa-se entre uma que escolhemos, e outra que nos é tragicamente enviada.

Esta última é a da surdez. Dessa surdez surge nossa incompreensão profunda do comportamento do *kósmos*, que se dá pela contradição. Com efeito, “escolhemos” nos ensurdecer diante do que a *phýsis* nos revela, e assim vivemos uma vida de “mortos-vivos”. A outra é a nossa condenação: estamos condenados a ouvir o que a *phýsis* nos diz. Ora, diante desse cenário deparamos um paradoxo: somos obrigados a ouvir o que a natureza diz, mas escolhemos, por um lado, calá-la com nossa linguagem, e por outro, não ouvir o que ela, com sua luminescência, quer nos dizer.

Assim, parece que queremos nos ocultar daquilo que jamais se põe. Heráclito, porém no escopo de sua obra, revela que não somos capazes de realizar isto. O que está a nosso alcance, no entanto, é a aproximação. Aproximar significa calar a si mesmo e esquecer do próprio ego, afastando-se dele. Para aproximar-se, por conseguinte, é necessário distanciar-se de si. É a esse tipo de reflexão que seus fragmentos querem nos levar. Como vimos, porém, normalmente escolhemos a condição aludida anteriormente, que tem a violência como pressuposto fundamental. “Violência” apenas no sentido de não ouvir nada do que essa *phýsis* nos diz.

Se escolhermos a primeira condição, podemos nos aproximar? Enquanto não formos capazes de errar entre os fragmentos e deles extrair o ensinamento fundamental discorrido neste texto, isto é, que sem calar o ego não há *homología* possível entre o *lógos* particular e o *lógos* comum, não conseguiremos nos aproximar. Sem esse entendimento, nada se move. Ademais, Heráclito parece querer fazer um apelo contra essa violência, frisando a necessidade do humano ouvir mais e, talvez, falar menos. Ou, se for falar, que fale segundo as vozes eloquentes da *phýsis*.

Observar que os seres humanos escolhem esse modo de vida ausente, esquecido e cadavérico, revela o nosso lugar comum. Exceder esse lugar, ou melhor, saltá-lo, talvez seja o ato heroico subentendido no corpo dos fragmentos. Pois, se de fato o comportamento do humano em sua maioria é esse, dizer que ele está condenado a ouvir o que a *phýsis* fala é

reconhecer, em primeiro lugar, que ele precisa abandonar a vida de “morto-vivo” que ordinariamente escolhe.

Pode-se dizer, portanto, que aproximar-se é possível na medida em que abandonamos a vida dos que vivem como os que dormem¹⁵, isto é, como os que não ouvem nada além de si mesmos. Por um lado, somos incapazes de nos ocultarmos diante do que nunca se põe, pois isso que nunca se põe é a vida inteira; e, por outro lado, não podemos evitar a tradução e a audição daquilo que o mundo nos diz. Afinal, somos dele leitores em eterno aprendizado.

Além disso, essa apresentação acerca do conceito de *lógos* no pensamento de Heráclito nos dá azo para introduzir o estoicismo antigo, recuando à sua origem histórica, para assim termos condições de explicitar de que maneira a concepção de *phantasia*, central na epistemologia estoica, possui muitas semelhanças com a filosofia heraclítica, recebendo dela influência direta.

Breve introdução ao estoicismo antigo

O estoicismo antigo inicia-se com Zenão de Cítio, na segunda metade do século IV a.C, e é muito revelador observar esse começo, pois ele possui um elo que nos conecta com os filósofos precedentes, ensejando uma eventual *aproximação* entre alguns conceitos de Heráclito de Éfeso e o conceito de *phantasia kataleptiké*. Zenão, ao ter consultado o oráculo, fora aconselhado a aprender dos e com os mortos¹⁶, o que o levou a estudar os antigos. Isso pode não significar muito de imediato, porque não nos diz quais antigos dever-se-iam ser estudados. Contudo, fica patente que, de toda tradição poético-filosófica que precede ao estoicismo, alguns nomes sobressaem dela e podem ser notados nas linhas fragmentárias de pensadores como Cleantes¹⁷, para o estoicismo grego, e mais tardiamente, em Epicteto e Marco Aurélio, no

¹⁵ Fr. 73: “Não é para falar e agir como os que dormem”.

¹⁶ “Igualar-se aos mortos” ou “estar em contato com os mortos”. Em grego: εἰ συγγρωτίζοιτο τοῖς νεκροῖς.

¹⁷ Ver, principalmente, seu “Hino a Zeus”. Nos versos 7-13, em tradução de minha autoria, lê-se: “Todo este mundo girando em torno da terra, majestosamente/obedece você onde quer que (o) conduza, e de bom acordo com a sua força;/tal servo tens entre suas mãos/invencíveis,/raio de dois gumes, ígneo e sempre vivo./Por teu golpe, pois, todas as obras na natureza são conduzidas,/Com ele diriges o *logos comum* (κοινὸν λόγον), que tudo atravessa,/misturando-se com os grandes e pequenos astros”. Nesses versos, Zeus ocupa o papel de conduzir o *lógos* que permeia a todas as coisas, remetendo à concepção heraclítica de que tudo que há na natureza e que nos aparece possui um *lógos*, um discurso universal a respeito do qual nem sempre conseguimos notar e ouvir. Isso para dar apenas um dos muitos exemplos que realçam as relações entre a filosofia de Heráclito e o estoicismo grego.

estoicismo romano. Heráclito e Sócrates¹⁸ aparecem vastamente na obra desses autores, sendo referidos como paradigmas conceituais ou, também, como modelos de humano a serem mimetizados:

O Estoicismo surge na confluência do pensamento de Heráclito, de Sócrates e dos cínicos. Os estoicos se veem como sucessores dos cínicos. E de fato o são na medida em que desenvolvem muitos aspectos da crítica cínica aos costumes e enfatizam o aspecto prático da filosofia. De Heráclito retomam a noção do Lógos e o caráter crítico de seu pensamento. Consideram Sócrates o exemplo máximo onde se realiza uma filosofia voltada para a construção de um homem integralmente forte e livre, repercutindo muitos temas do pensamento socrático, como, por exemplo, a questão da piedade (Dinucci, 2012 p. 5).

Vale mencionar que toda a filosofia dita helenista inscreve-se no tempo e espaço com uma marca única, que é a de ser concebida através de textos que não devem ser vistos como tratados frios, a serem lidos e esquecidos depois, mas principalmente como o reflexo de um determinado modo de vida. Pierre Hadot,¹⁹ nesse sentido, desempenhou um papel muito importante ao ter relido a história da filosofia antiga a partir dessa perspectiva, ou seja, a de que não podemos desvincular o autor de sua obra, haja vista o fato de ela ser o reflexo do estilo de vida que ele vive, ou de uma “arte de viver”, melhor dizendo.

Ora, se a filosofia antiga é concebida como um modo de vida e não como uma produção ostensiva de textos que não refletem em nada a vida de seus autores, é possível afirmar que o estoicismo grego se inspirou nesses pensadores, poetas e filósofos antigos, porque via neles algo a ser imitado e incorporado ao *corpus* literário de suas filosofias. Em Zenão, como salientei alusivamente nos parágrafos precedentes, a presença dessa tradição não é muito clara, sobretudo por não termos fontes bibliográficas suficientes para comprová-la. Em Cleantes, por outro lado, essa influência ficará um pouco mais nítida, na medida em que sua obra transmite, no interior de suas letras, alguns conteúdos filosóficos que fazem eco ao pensamento de Heráclito, ainda que dela destoe em alguns aspectos e nuances.

O conceito de *phantasia kataleptiké* e sua relação com a concepção de *homología heraclítica*

¹⁸ Diógenes Laércio, VII. 2-3. Em Epiteto, no estoicismo de cariz romano, encontrar-se-á várias remissões a Sócrates, onde ele é tomado como paradigma a ser seguido. Cf. *Manual*, XXIX. 4.

¹⁹ Hadot, 2014, p. 22.

A epistemologia estoica se baseia no conceito de impressão ou representação compreensiva, que compreende que toda apreensão da realidade seria dada fantasticamente. Note-se que não se trata, porém, das nossas ficções bem produzidas pelas mãos dos grandes diretores de cinema, ou através das penas dos literatos, mas sim de uma análise detida de como o ser humano percebe o real, os entes sensíveis e o mundo que o contorna. Falo, nesse sentido, de uma reflexão acerca das nossas faculdades cognitivas que é iniciada por Zenão e seguida por Cleantes, um de seus discípulos.

Na parte dedicada à lógica dos estoicos²⁰, Diógenes Laércio expõe detalhadamente em que consistiria essa concepção de que toda apreensão da realidade seria, em suma, uma síntese fantástica entre inteligibilidade e sensibilidade. Quando me refiro à representação compreensiva, estou alinhado à tradução do conceito de “phantasia kataleptiké”, cujo significado está circunscrito a um determinado procedimento que ocorre ao depararmos qualquer ente exterior a nós. Fantasiar²¹ é ter impresso na nossa alma uma imagem daquilo que a nossa sensibilidade toca, e que ao tocar, gera em nós uma primeira impressão que, posteriormente, após ser analisada pelo pensamento, retornará à própria coisa que iniciou a *phantasia* através dos conceitos que damos a ela.

Esse é um bom lugar para pensarmos, mesmo que de modo preambular, as relações existentes entre Heráclito e os estoicos, uma vez que o Efésio enfatiza a necessidade, como vimos, de nos aproximarmos da *phýsis* calando a voz do nosso ego para dar ouvidos às coisas que estão falando o tempo todo na e através da natureza. Falar das coisas do mundo, se estivermos alinhados aos ensinamentos heraclíticos, é deixá-las falar; é mais ouvir do que dizer, porque quando dizemos apressadamente sem ouvirmos, emitimos falsos juízos ou ajuizamos incorretamente as coisas que a nossa linguagem particular quer significar. Esse ato de calar a própria voz é ouvido pelos estoicos que pensam a percepção da natureza de um modo fantástico, uma vez que para ajuizá-la corretamente é preciso estar em plena conexão com ela, seguindo os seus desígnios, e não violentando-a com nomes e palavras que nada dizem a respeito dela. Nesse sentido, para que ocorra uma representação compreensiva, é necessário que haja esse acordo entre os dois *lógoi*, ou seja, o nosso, e o da própria realidade sensível:

No estoicismo, conforme exposição anterior, a base do conhecimento é a sensação (*aisthesis*), que resulta de uma impressão provocada pelos objetos sobre os sentidos, ou seja, algo que ocorre anteriormente ao processo intelectual. Essa impressão, que revela a presença do objeto, é transmitida à

²⁰ Livro VII, 40-62.

²¹ Nesse sentido, fantasiar está longe de ser ilusão ou mentira, como é comum de se pensar quando usamos esta expressão em língua portuguesa. Neste contexto específico, o termo desempenha um papel central na teoria do conhecimento dos estoicos.

alma que gera a representação. Com isso, indicamos que a representação não é puramente sensível. Ou seja, o que pode nos provar que uma representação corresponde verdadeiramente ao objeto, é o constante exercício da alma em conhecer suas particularidades. Para eles, a capacidade humana de formular conceitos é inata, pois derivam do conhecimento espontâneo procedente da percepção das coisas, mas o processo de elaboração dessa capacidade constitui-se a partir das primeiras experiências sensoriais com o mundo externo e com sua própria consciência (Guimarães, 2010, p. 43-44).

É dessa síntese entre as nossas faculdades cognitivas, que processam aquilo que foi apreendido pela representação (*phantasia*), e a matéria sensível que nos causou essa impressão na alma, marcando-a perenemente, que emanam os conceitos que iremos atribuir àquilo que *fantasiamos*. Ainda nessa seara, é importante destacar que os estoicos faziam uma distinção entre dois tipos de representações:

An impression is an imprint on the soul, its name appropriately borrowed from the imprints made in wax by a seal ring. Some impressions involve comprehension, others do not. The comprehending impression, which they say is the criterion of reality, is that which arises from an existing object and is imprinted and stamped in accordance with it. The uncomprehending impression is that which does not arise from an existing object, or, if it does, does not accord with it; it is neither clear nor distinct²² (Laercius, VII. 45-56).

A primeira forma de representação traz à baila o tipo de *phantasia* almejada, que é aquela realizada pelo sábio estoico²³, originada de uma conformação entre a representação e o objeto representado, que tomarei a liberdade aqui de chamar de um “eterno retorno” ao próprio objeto, na medida em que recai sobre ele o critério de verdade²⁴ que define se o que é *phantasiado* corresponde à *phantasia*. Há, com efeito, um movimento de “dobra” em que tudo retorna à própria coisa representada, onde o próprio objeto que matiza nossas almas é tomado como aquele que dirá se as nossas representações, se os juízos e discursos que formulamos acerca dele são corretos. Porém, esse primeiro tipo de *phantasia* não ocorre a esmo, de um modo despreparado e disparatado: é necessário instruir-se bem a respeito da dialética, que é composta por diversas camadas, sendo duas delas a teoria dos silogismos e a teoria do discurso²⁵. Esse tipo de preparo possibilita ao sábio estoico realizar raciocínios corretos, que o

²² “Uma impressão é uma impressão na alma, cujo nome foi apropriadamente emprestado das impressões feitas em cera por um anel de vedação. Algumas impressões envolvem compreensão, outras não. A impressão compreensiva, que dizem ser o critério da realidade, é aquela que surge de um objeto existente e é impressa e carimbada de acordo com ele. A impressão incompreensível é aquela que não surge de um objeto existente ou, se surge, não está de acordo com ele; não é claro nem distinto”. Tradução minha.

²³ A respeito do sábio estoico, cf. Diógenes Laércio, VII. 47.

²⁴ Diógenes Laércio, VII. 45-46.

²⁵ Diógenes Laércio, VII. 42-55.

impedirão de resvalar no segundo tipo de *phantasia* mencionado, marcado pelo equívoco e por uma espécie de juízo infundado. Nesse sentido, o segundo tipo de *phantasia* ocorre, mas deve ser evitado, haja vista o fato de ele ser o reflexo da nossa surdez – retomando Heráclito – diante da natureza e das coisas que se apresentam aos nossos órgãos sensoriais. É dessa nossa incapacidade de ouvir, signo da insensibilidade que ora se manifesta no humano, sobretudo quando ele não homologa seu *lógos* ao da natureza, que surge a dissonância e a incomunicabilidade.

Os estoicos, em sua lógica, chegam a considerar a deficiência que alguns seres humanos têm nos órgãos sensoriais, o que os alija de ter uma percepção, ou um juízo adequado, acerca de todas as fantasias que possuem²⁶. Essa deficiência que veta a percepção e impede quem percebe de dirimir entre, por exemplo, a imagem de um amigo que ele viu várias vezes, de uma pessoa desconhecida, diz muito, novamente, da ausência de escuta que costumamos ter diante da natureza das coisas, ainda que isso não esgote o problema, tampouco explique pormenorizadamente os motivos que fazem com que tenhamos, às vezes, nossas percepções distorcidas. Entretanto, é necessário frisar, para realçar a filosofia estoica, que o estudo detido da dialética é um dos meios de “corrigir” nosso raciocínio, afastando-o das falsas fantasias; e, para enfatizar a relação desse pensamento com o de Heráclito, é necessário prezar pela *homología*.

Retornamos, a partir daqui, aos fundamentos filosóficos de Heráclito, que afirmava ser necessário ouvir a natureza²⁷, pois ao ouvi-la saberíamos significá-la de acordo com a própria natureza da coisa, ou do ente, que percebemos. Na filosofia dos estóicos ocorre algo muito similar, quando eles enfatizam a importância de tomarmos a própria coisa como critério de verdade dela mesma, realçando a necessidade de *homologarmos* com a natureza, conectando nosso *lógos* particular ao *lógos* universal dessa coisa específica que representamos, ou da realidade como um todo:

Considerando a relação intrínseca entre a natureza e o homem, podemos inferir que ele, através de seu poder de articulação de pensamento, teria os meios para formular sentenças que refletiriam os eventos cósmicos naturais. Logo, constituindo uma ciência do sensível, estabeleceram que o saber consistia não apenas em leis gerais, mas em proposições singulares. Com isso, identificamos que o processo cognitivo opera-se não como um mero resultado de um processamento mental, mas a partir de uma total integração entre o *lógos* do homem e o *lógos* do universo, este, imanente e precipitador de toda

²⁶ Diógenes Laércio, VII. 52.

²⁷ Fr. CXII: “Bem-pensar é a maior virtude, e **sabedoria dizer coisas verdadeiras e agir de acordo com a natureza, escutando-a**”. Grifo meu.

a realidade. Dessa integração resulta a compreensão (*kathalépsis*) através do assentimento da impressão ocorrida na alma (Guimarães, 2010, p. 45-46).

Nesse sentido, é mister lembrarmos desses imperativos, ou mais precisamente, dessas admoestações gestadas por Heráclito e pela epistemologia dos estoicos. Uma vida desavisada, indisciplinada e tomada pelas exterioridades, careceria da capacidade de escuta necessária para que se ouça a natureza atentamente, nutrindo-se dela para fundamentar qualquer fantasia que tenha, em seu cariz, os tons de cor equivalentes à própria natureza das coisas que pintamos quando percebemos e representamos tudo que nos toca pela sensibilidade.

Além disso, é da *homología* entre o nosso *lógos* particularizado e demasiado humano com o *lógos* existente nas coisas – e que, por sermos seres humanos, não podemos dele escapar –, que poder-se-á viver em comum acordo com a natureza, sendo esse o mote não apenas do pensamento de Heráclito, mas também do estoicismo antigo.

Considerações finais

Poder-se-ia concluir, segundo o percurso deste artigo até aqui, que Heráclito não desempenhou um papel insignificante para a fundação do estoicismo, estando presente não apenas no seu começo, mas também em autores do médio e novo estoicismo. Ao contrário do que uma determinada linha interpretativa afirmou²⁸, o pensamento dos estoicos, no que diz respeito ao conceito desenvolvido por eles na lógica, nutriu-se muito da prosa heraclítica, fazendo ecoar no conceito de *phantasia kataleptiké* o ritmo que matiza o pensamento do Efésio, ou seja, o da *homología* entre *lógos* particular e *lógos* comum.

A partir da compreensão de que é vital tornar-se *um e o mesmo* com a natureza que nos circunda, vislumbramos uma relação fértil e pacífica entre Heráclito e os estoicos, sobre os quais vimos recair as lições heraclíticas a respeito de como o *kósmos* se ordena e é governado por uma mecânica dos contrários, na qual tudo na natureza provém da mais bela harmonia, sobrevivendo e mantendo-se na mais tranquila das contradições: o próprio mundo. Nesse sentido, homologar e tornar-se um com a natureza fora um dos motes do pensamento heraclítico. Nos estoicos o mesmo reaparece através do conceito de *phantasia*, na medida em que eles afirmam ser necessário, também, compreender a natureza e viver de acordo com o que ela determina, formando uma harmonia que possibilita a nós, ou ao sábio estoico que se dedica

²⁸ A respeito de alguns intérpretes que recusaram a influência de Heráclito no estoicismo, e também sobre o contraponto de A. A. Long a essa tendência, cf. Long, 1975, p. 36-38.

ao estudo intenso da dialética e dessa prática de vida, realizar os juízos corretos *acerca da natureza* e de qualquer uma das fantasias que o seu pensamento engendrar. Portanto, ambas as filosofias cooperam de modo a ressaltarem a importância e a inevitabilidade de se homologar e ouvir a natureza, única forma, enfim, de viver de acordo com ela.

REFERÊNCIAS

- CAPPELLETTI, Ángel J. *Los Estoicos Antiguos*. Madrid: Gredos, 1996.
- DINUCCI, Aldo. O conceito estoico de phantasia: de Zenão a Crisipo. *Archai, sept-dec.* n. 21 p. 15-38. 2017.
- GUIMARÃES, Mariângela Areal. O conceito de phantasia kataléptiké na lógica estoica. *Ítaca, agosto.* n. 15 p. 42-51. 2010.
- HADOT, Pierre. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. São Paulo: É realizações, 2014.
- HERÁCLITO. *Fragments contextualizados*. Tradução, apresentação e comentários de Alexandre Costa. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- KAHN, Charles. *The art and thought of Heraclitus*. London: Cambridge University Press, 2001.
- LAÉRCIO, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- LAERCIUS, Diogenes. *Lives of eminent philosophers*. USA: Oxford University Press, 2018.
- LONG, A.A. *Stoic Studies*. New York: University of California Press, 1996.
- PARMÊNIDES. *Da Natureza*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2009.
- SELLARS, John. *Stoicism*. Los Angeles: University of California Press, 2006.
- SOUZA, Jonathan Almeida de. Resenha de: COSTA, Alexandre. *Thánatos: da possibilidade de um conceito de morte a partir do Lógos Heraclítico*. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/FilosofiaClassica/article/view/23559>. Acesso em 01/01/2023.
- THOM, Johan Carl. *Cleanthes' Hymn to Zeus*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005.
- WHEELWRIGHT, Philip. *Heraclitus*. New Jersey: Princeton University Press, 1959.